



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 20 DE SETEMBRO DE 1956

NA ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA,  
AO ENSEJO DA COMEMORAÇÃO DO CENTE-  
NÁRIO DE NASCIMENTO DE FRANCISCO DE  
CASTRO.

804 Sinto-me honrado e ao mesmo tempo confuso em  
ser recebido aqui, nesta ilustre casa, nesta Academia

Nacional de Medicina, que reúne o que há de mais conspícuo e de mais competente em nossa profissão. Honrado, sim, pela distinção imerecida, pela prova de consideração recebida de meus colegas. Mas confuso também, por me assaltar a consciência um sentimento de culpa, a culpa de ter-me desviado de minha vocação de médico para a vida política, cujos fados caprichosos me elevaram até a presidência da República.

Não raro me pergunto se teria eu o direito de fugir da vida de médico, de retirar-me dos trabalhos que exigiam de mim a tranqüilidade e os deveres do grau alcançado. Só me tranqüiliza o espirito o dar-me conta de que a política não tem sido para mim senão um esforço penoso e não raro um difícil sofrimento e de que não deixei provisoriamente de militar na nossa profissão para abraçar uma sinecura, para furtar-me a lutas e preocupações, mas, bem ao contrário, para carregar uma cruz, que só Deus sabe como pesa em certos momentos.

805

Falando entre colegas, sinto-me à vontade para confidenciar que não raro é com inveja que me lembro do tempo em que me empenhava em minorar os padecimentos do meu próximo, em resolver problemas, aliviando as dores e salvando os meus semelhantes da morte.

806

Médico sou e nenhum título reputo maior, mais belo, mais dignificante do que o de médico. Tornei-me médico obedecendo a um chamado, impulsionado pela vocação, que é um mistério. Nada me custou na vida tanto esforço como cursar a faculdade de Medicina e formar-me. Fui estudante paupérrimo. Pertenci à raça dos estudantes sem mesada, dos que, para manter-se no curso, são obrigados a trabalhar para o próprio sustento. Telegrafista, transmitindo mensagens para todos os pontos do país e as recebendo, as minhas horas de pausa empregava-as eu em ler os compêndios, em

807

estudar as lições da faculdade. Ganhava apenas o suficiente para manter-me, e todo o meu esforço e porfia visavam tornar-me um dos vossos.

808 Médico de província, obscuro cirurgião, quis o destino que por caminhos surpreendentes e inesperados viesse eu a tornar-me presidente de honra desta Academia, em obediência aos estatutos da Casa, que reservam tão insigne honraria aos chefes da Nação. Presidente de honra foi Dom Pedro II, quando a vossa academia era ainda Academia Imperial; presidente de honra desta casa durante o meu mandato também serei eu, quer dizer, o mais apagado dos vossos colegas.

809 Cabe-me, pois, distinção com que jamais sonhei, a de ver-me alçado à companhia de tantos sábios, alguns dêles mestres do meu tempo, em cujos livros aprendi.

810 Não tiro da circunstância outra lição senão a de verificar que devemos dar aos favores da fortuna apenas o devido e relativo valor. Aqui estou ao lado de tantos mestres, e rejubilo-me com isso, mas guardo perfeita e nítida noção de que foi necessário uma volta imensa, uma viagem longa e arriscada, para encontrar-vos onde vos achais, meus colegas, graças aos vossos méritos e à persistência e fidelidade com que vos dedicastes à nossa benemérita e algumas vêzes santa profissão.

811 Não me esqueço de que Deus me cumulou de difíceis missões e responsabilidades e de que entre elas está a de ser eu o primeiro médico a ocupar, em nosso país, a presidência da República.

812 Nesta solenidade não tenho ocasião de dizer-vos senão que me dou conta de tudo o de que o Brasil necessita para que as doenças e padecimentos do povo sejam socorridos e de que um médico-presidente da República terá de responder de maneira particular pelos problemas nacionais de saúde pública.

813 Não quero deixar de associar-me de maneira especial e comovida às comemorações do centenário de

nascimento de Francisco de Castro. Trata-se de um grande vulto de médico e de um humanista de alto mérito, de um chefe de escola e ao mesmo tempo de um homem que se distinguiu pelo amor às belas letras. É um dos grandes príncipes da medicina em nosso país, continuador das tradições de Tôrres Homem, e que legou ao Brasil uma alta dignidade na cátedra de Clínica Médica, dignidade na ciência e dignidade na expressão literária também. Inclino-me diante da memória de Francisco de Castro, a quem Deus reservou o prêmio de encontrar na pessoa de seu filho — mestre eminente de todos nós — varão que prestou ao país, em mais de um setor, serviços relevantes, um continuador de sua obra de apóstolo da medicina e de insigne cultor das letras — o Professor Aluísio de Castro.

Não desejando abusar do tempo, pois outros oradores vão falar com maior proveito nesta solenidade, quero encerrar estas palavras repetindo que me ufano de ser médico, embora modestíssimo, num país em que a medicina atingiu tão alto nível, um grau de cultura e de técnica que a nenhum outro povo precisa invejar.

814

Saudando a Academia Nacional de Medicina, volto-me para os grandes vultos que por aqui passaram, para a memória dos mestres desaparecidos, dos que elevaram a pátria pelo saber, pelo devotamento, pelas peregrinas virtudes da solidariedade humana — brasão e apanágio da nossa nobre profissão.

815